

# FRENTE POLISARIO: O DESAFIO DA MUDANÇA

**Em 15 de Novembro de 2017 foi divulgado o Manifesto da Iniciativa Saharauí para a Mudança (ISC, na sigla em castelhano), o que provocou, por um lado, expectativas quanto a uma renovação da dinâmica da luta de libertação e, por outro, inquietações entre aqueles que a viram como uma ameaça.**

Um dos promotores desta iniciativa é Hach Ahmed Barikala, irmão do representante da POLISARIO na ONU e antigo ministro da RASD para a América Latina. Numa conversa com o jornalista Said Zarwal em 20 de Novembro, explicou o sentido desta acção: «A Iniciativa Saharaui para a Mudança é apenas um apelo ao debate e ao diálogo que acolhe as inquietações e as opiniões políticas de muitos saharauís que, conscientes da complexidade do momento, vêem a necessidade de uma rectificação urgente para salvar o projecto nacional. Naturalmente é uma acção que pretendemos enquadrar no Movimento de Libertação, histórico e único, com o qual todos os saharauís se identificam e que é hoje representado pela POLISARIO. Não temos a pretensão de substituir ou marginalizar ou desvalorizar o seu carácter como instrumento de libertação e interlocutor único e exclusivo. Por conseguinte, a iniciativa não se coloca como um ente dissociado do Movimento de Libertação e a nossa aspiração é que encontre espaço no mesmo, na diversidade de opiniões e sensibilidades políticas e não seja perseguida ou rejeitada como um corpo estranho. Neste hipotético cenário teremos de repensar... (...)»



Fig. 1: Hach Ahmed Barikala

«Queremos envolver todos os saharauís e não apenas os que se movem na esfera do poder político. O seu fim não é outro senão o de impulsionar a procura de soluções para as deficiências que persistem no movimento saharauí. Neste sentido, a iniciativa responde às preocupações do novo Presidente [Brahim Ghali] que nas suas primeiras declarações e discursos fez referências directas e indirectas à desordem, à corrupção e à necessidade de mudança e de rectificação, as quais geraram expectativas ainda à espera de serem cumpridas. O momento é propício para isso. (...)»

«Porquê agora e não antes? As coisas acontecem quando as condições objectivas o determinam. Creio que é o momento de unir todos os esforços e antes de mais os jovens, que estão mobilizados para este trabalho de recondução do processo de libertação nacional. É necessária uma transição geracional para superar o anquilosamento da direcção actual. (...)»

«Com instituições frágeis como as que temos hoje dificilmente podemos avançar. Esse deve ser o ponto de partida para o debate que propomos. Por outro lado, a direcção tem de aprender com os erros do passado, as decisões precipitadas e imaturas em que, muitas vezes, se incorreu de maneira individual ou colectiva e cujas consequências explicam em parte a estagnação de hoje e a falta de

perspectivas. Refiro-me aos acordos de paz com a Mauritânia, ao plano de paz da ONU de 1991, à estrada de Guerguerat nos seus inícios ou a última crise em torno desta questão. Da mesma forma o discurso a partir de hipóteses e cenários fictícios, prometendo soluções e resultados em cada ano com base na agenda da ONU ou ameaçando com o regresso à luta armada sem querer, ou poder, cumpri-las, deixou sem credibilidade os dirigentes e confundiu a opinião pública.»

«No debate que se pretende impulsionar, a direcção política da Frente POLISARIO deve prestar contas. Depois de 44 anos de luta e de sacrifícios, tem que falar claro ao seu povo, dizer o que conseguimos, explicar onde estamos, para onde nos dirigimos e o que temos nos nossos alforjes para a longa travessia que, ao que parece, temos pela frente.»

Para Lehdía Mohamed Dafa, médica saharauí a viver em Espanha, a iniciativa é o sinal de que «chegou o momento de iniciar uma ‘glasnost’ e reconhecer o direito à liberdade de associação, consagrado na Declaração Universal dos Direitos Humanos e na Carta Africana dos Direitos Humanos e dos Povos.» E lembra: «Os promotores da Iniciativa enfatizaram, desde o primeiro momento, que a intenção da mesma é abrir um debate no seio da Frente POLISARIO, expressando assim o seu carácter reformista, o que não lhes evitou todo o tipo de desqualificações.»

«Não nego que haja muitos saharauís que não considerem importante dotarmo-nos de um sistema político baseado no pluralismo e no confronto democrático entre propostas diferentes como o meio mais eficaz de seleccionar elites, de renovar governos, de canalizar descontentamentos e de favorecer a formulação de estratégias diferentes para conseguir o nosso objectivo de recuperar o Sahara Ocidental. Dir-se-à que não temos necessidade de imitar o ocidente, que temos a nossa própria cultura e a nossa forma de fazer as coisas. Mas a verdade é que há um conjunto de valores e princípios que têm um âmbito universal e um deles é admitir e tolerar a existência de opiniões diferentes e governar segundo a vontade da maioria.»

E mais à frente: «Os regimes fechados, incapazes de integrar a diversidade, (...), têm grandes dificuldades em enfrentar as mudanças. A sensação de que qualquer pequena abertura pode provocar o colapso de toda a muralha vem avalizada pela história de alguns dos regimes totalitários.»

Em consequência desta acção, a Frente POLISARIO reagiu na defensiva e começou a afastar das funções políticas que desempenhavam os quadros que subscreveram a ISC ou que lhe manifestaram simpatias. Um dos primeiros a ser objecto desta reacção foi Ualad Musa que, segundo uma nota oficial da F. POLISARIO, foi destituído do cargo de representante do Sahara Ocidental para as Ilhas Baleares.

A coordenadora da ISC publicou em 21 de Dezembro uma nota de imprensa sobre este caso onde afirma: «A decisão de excluir Ualad Musa do seu cargo por defender posições críticas da gestão governativa, sem romper o consenso nacional em torno da independência (...) demonstra o empenho da actual direcção política de seguir fechando as portas a toda a ideia de debate aberto e transparente para superar a crise política, social e moral, assim como a falta de perspectivas que marcam a conjuntura actual.»

«Uma vez mais a vontade de agarrar-se ao poder e aos privilégios e os impulsos autoritários herdados do passado prevaleceram sobre o clamor unânime a favor do debate, da reflexão e das mudanças necessárias para salvar o projecto nacional. A ISC compromete-se a trabalhar para consciencializar o povo, e de modo muito especial os jovens e os intelectuais, para que se associem a esta proposta de diálogo nacional sem a qual será impossível corrigir as deficiências e os erros e dirigir o projecto saharauí.»